

pode ler-se ‘*Eu serei quem sempre serei*’; no *Apocalipse* 1,8, explicitando tal autodesignação, lemos ‘*Eu sou Aquele que é, que era e que vem*’. Sempre próximo, “Deus é novo a cada momento”, de acordo com o belo título do livro de Ed. Schillebeeckx. É, por conseguinte, num diálogo de pergunta e resposta que se esclarece a questão da identidade e, nesta, o futuro é sobredeterminante para os dois interlocutores: o ‘Eu sou quem sempre estará a vir’ da parte de Deus, e a incumbência de Moisés de ir, comprometido

com o destino do seu povo. O que é atestado e o que é autenticado é a identidade projectiva de Moisés como o enviado a salvar os israelitas: dar testemunho e ser fiel à missão de que foi encarregado será doravante tudo quanto o define no mais íntimo de si.

Se não podemos ver Deus sem morrer (por isso, Moisés oculta o rosto, nesse gesto reconhecendo a realidade do encontro face a face), encontramos-lo todavia uns nos outros como promessa de vida. ■

## A ARCA DA ALIANÇA: “singularidade e eternidade”

Luisa Maria Almendra

A *arca da aliança* é, certamente, um dos símbolos mais obscuros do judaísmo. O seu nome hebraico הַבְּרִית אֲרוֹן (*arôn habberit*), literalmente traduzido no grego como *kibotós tes diathékes*, enuncia com precisão a narrativa bíblica de Ex 25,10-16: uma caixa de madeira de acácia, com dois côvados e meio de comprimento (cerca de um metro e dez centímetros ou 1,10 cm), e um côvado e meio de largura e altura (cerca de 70 cm); coberta de ouro puro por dentro e por fora, com uma bordadura de ouro ao redor. Para facilitar o seu transporte, teria quatro argolas de ouro nas laterais, com duas varas de acácia recobertas de ouro. Sobre a *arca* havia uma tampa, chamada propiciatório (*kapporet*), esculpida em ouro e ornada com dois querubins de frente um para o outro, cujas asas cobriam e formavam uma só peça com a tampa. A narrativa bíblica não diz se eles estão ajoelhados ou se uma das suas asas tocam uma na outra. A grande preocupação do autor bíblico é afirmar que nesta *arca*, entre os dois querubins de ouro, Deus garantia uma presença misteriosa, a que os Judeus chamaram *shekínah*.

Até ao momento de ser instalada no Templo, a *arca* fazia parte do conjunto dos objetos do tabernáculo (*tenda do encontro*). Somente os sacerdotes levitas poderiam transportar e tocar na *arca*, e apenas o sumo-sacerdote a podia ver uma vez por ano, no dia da expiação (cf. Ex 25, 10-21; 37, 7-9). Na verdade, no início do seu reinado, o rei David ordenou que a *arca* fosse trasladada para Jerusalém. Foi

ali, perante ela, que David sonhou com um lugar particular onde a colocar. Porém, foi o seu filho, o rei Salomão, quem finalizou este grande projeto. Construiu no Templo um recinto de cedro, coberto de ouro e entalhes chamado oráculo, e nele dois enormes querubins de madeira à semelhança dos que havia na *arca*, com um altar no centro, e ali colocou a *arca*. O ambiente passou a ser vedado aos cidadãos comuns e, naquela altura, somente os levitas e o próprio rei poderiam colocar-se na sua presença.

Porém, convém notar, que o que tornava esta *arca* extraordinária era o seu conteúdo e não a sua cobertura de ouro ou o local onde era guardada. Dentro da *arca* estavam as tábuas da Lei, a vara de Aarão e um vaso do maná: sinais visíveis de uma comunicação insondável entre Deus e o povo de Israel. Foi a partir do momento em que estes objetos foram colocados no seu interior que a *arca* foi considerada o objeto mais sagrado em Israel; a própria representação de Deus na Terra. Só ela continha o grande testemunho da aliança entre Deus e o seu povo; só ela era a garantia de que Deus estava com Israel sempre. Por isso, a narrativa bíblica insiste em referir a sua presença nas batalhas que Israel travou, durante a conquista de Canaã e que a sua simples presença era suficiente para que os pequenos exércitos de Israel vencessem exércitos inteiros (cf. Js 3, 14-17; 6, 6-21; 8, 33).

A *arca* demonstrava não só um poder singular e efetivo nas ocasiões de guerra, como na sua relação com o próprio

povo de Israel. Todos os que a tocavam que não fossem levitas ou sacerdotes completamente puros morriam fulminados instantaneamente (cf. 2Sm 6, 1-7). A *arca* permaneceu como um dos elementos centrais do culto praticado pelos israelitas durante todo o período monárquico, embora existam poucas referências a ela nos livros dos Reis e das Crônicas. Durante as invasões de Judá (entre 605-586 a.C.), Nebuzaradã, comandante da guarda imperial e conselheiro do rei da Babilônia, entrou em Jerusalém e incendiou o templo, o palácio real, todas as casas de Jerusalém e todos os edifícios importantes (cf. 2Rs 25, 8-9). Depois deste grande incêndio que teria destruído todo o templo e a cidade de Judá, a arca da aliança desapareceu completamente da narrativa bíblica. Esta *arca* tem sido um dos tesouros arqueológicos mais ambicionados pela humanidade e motivo de inúmeras expedições à Mesopotâmia e à Palestina. A partir da narrativa bíblica construíram-se algumas réplicas, que existem em vários museus. Porém a verdadeira *arca* bíblica, jamais foi encontrada. São muitas as tentativas que procuram superar este insucesso arqueológico: considerar uma possível relação entre o desaparecimento da arca e o profeta Jeremias, que antecipando a destruição do Templo teria ordenado que a escondessem em uma caverna, perto do monte Nebo (cf. 2Mc 2, 1-8), ou defender que terá sido levada, juntamente com outros objetos sagrados para a Babilônia, como um espólio de vitória, onde terá desaparecido às mãos de invasores sucessivos. Neste contexto, não é possível encobrir a posição que a Igreja Copta Etíope mantém até hoje, afirmando que a arca está guardada numa capela da Igreja de Santa Maria de Sião, na atual cidade de Aksum, no norte da Etiópia, à qual apenas um único sacerdote tem acesso.

A relevância histórica e religiosa da *arca da aliança* torna-se ainda mais preeminente quando tomamos consciência da rejeição do Judaísmo a manifestações físicas da divindade (cf. Ex 32, 1-20). No contexto judaico, que se edifica a partir de uma memória (*zikkaron*) da intervenção de Deus em seu favor, do qual a libertação do Egito é um momento determinante (cf. Ex 3, 1-21; 14, 1-31), a relevância atribuída à arca da aliança é surpreendente. Construída durante a grande caminhada no deserto e venerada até à destruição do primeiro templo, esta arca constituiu um dos símbolos mais importantes da fé judaica, capaz de incorporar a mais plena manifestação de Deus na terra. Não será, de todo, irrelevante que o judaísmo tenha atribuído ao lugar onde são guardados até hoje os



Baixo-relevo em ouro do transporte da Arca da Aliança, na Catedral de Santa Maria de Auch, França

rolos da Lei e das Escrituras Sagradas, na sinagoga: *arôn haqôdesh* (arca sagrada). A tradição cristã, a começar no testemunho dos padres da Igreja, considerou a *arca da aliança* um dos símbolos mais ricos que antecipa a realização da insondável presença de Deus em Jesus Cristo. E se Jesus Cristo é o lugar da presença, Maria torna-se a *arca da nova aliança* (cf. *Ladainha a Nossa Senhora*) onde a presença de Deus se faz carne, palavra e gesto humano.

A *arca da aliança* feita de cedro e coberta de ouro, que na sua singularidade histórica garantia a presença de um Deus que criara pela palavra (Gn 1-2) e, pela palavra estabelecera uma aliança com o seu povo (Dt 5-6), assume-se no ventre de uma mulher, como o espaço da presença definitiva, plena e humana da pessoa de Jesus Cristo (Hb 1, 1-4). A palavra que determinava o poder da *arca da aliança*, continua no poder que confirma a palavra de Jesus Cristo. Por isso, mais do que uma *arca de aliança* o que se mantém é a Palavra de Aliança e o poder que ela tem de oferecer vida eterna. O acesso privado à *arca da aliança* é aberto a todos os que se dispõem a oferecer a sua humanidade e intimidade a uma Palavra de Deus, Jesus Cristo, que traz em si o gérmen da vida plena e eterna. A *arca da aliança* já não se confina à tenda do encontro. É ela mesma o lugar de encontro entre o divino e o ser humano. Podemos, por isso, assegurar que não só, não é possível uma cultura do encontro sem o ímpeto da palavra que estimula, reconhece ou interpela, como é indispensável nos consolidarmos como pessoas n'Aquele que é a Palavra por excelência. ■